

Colossus – conto da série “Evangelho Segundo Sipriano” | Moa Sipriano

Ele apareceu em minha casa numa noite chuvosa de janeiro. Era um homem alto, forte, imponente. Trajado todo de preto, carregando uma bíblia de capa vermelha, onde as bordas douradas cintilavam a luz das velas que iluminavam fragilmente nossa humilde cozinha, ele sentou-se à mesa, tocou com extrema delicadeza as mãos de minha mãe chorosa e juntos lemos os Salmos, oramos fervorosamente por um longo tempo e em seguida um breve sermão foi proferido por aquele homem enorme, dono de uma voz profunda, hipnótica, sobre-humana.

Eu fiquei atônito com a energia do pastor. Enquanto minha mãe ouvia atentamente as palavras de fé provenientes daquele servo de Deus, eu ficava imaginando o macho que se escondia atrás do manto sagrado da sua religião.

Após quase uma hora de um culto privado, o qual fui forçado a participar, minha mãe levantou-se e foi preparar um chá para todos. O pastor ficou em silêncio, como numa espécie de transe, lendo o seu livro de capa cor de sangue. E eu não conseguia tirar os olhos daquele par de coxas fortes que se escondiam atrás da calça de caimento mais do que perfeito, feita sob medida para um homem que eu julgava ser divino, em todos os sentidos.

Fui despertado pela voz que me chamava suavemente, quase que num sussurro. O pastor agradeceu minha presença na reunião daquela noite e convidou-me para participar do culto do próximo domingo, agora em seu templo. Ele retirou um pequeno panfleto de dentro do seu livro sagrado, oferecendo-me o papel com sua mão direita, que foi tocada sutilmente pelas pontas dos meus dedos frios.

O chá foi servido. Conversávamos assuntos cotidianos, nada de importante. Percebi que o pastor não tirava os olhos do meu corpo, cada vez que minha mãe se distraía com alguma coisa na cozinha: mais açúcar, mais biscoitos, mais agrados para o homem que veio consolar as dores da recente viúva. Imaginei estar fantasiando coisas.

Algo inesperado aconteceu. Minha mãe comentou para o homem santo a dificuldade que eu estava enfrentando para conseguir um emprego. Corei de vergonha, já que esse assunto sempre fazia eu me sentir um inútil, um vagabundo profissional, na altura dos meus incompletos dezenove anos. O pastor então me fez um convite, debaixo de um sorriso lindo, dizendo-me que havia um posto de trabalho temporário disponível em seu templo. Eu deveria pintar a Casa do Senhor. Assim eu ganharia uns trocados, e também acumularia alguns pontos importantes em algum lugar no Reino de Deus, segundo as palavras do Seu enviado. Foi assim que tudo começou.

O trabalho foi relativamente fácil. O templo nada mais era do que um galpão fechado, com dezenas de brancas cadeiras de plástico alinhadas milimetricamente sobre o piso de cimento queimado. O antigo púlpito – uma verdadeira obra de arte – era imponente, todo esculpido em jacarandá. Um contraste gritante com o restante do espaço dito sagrado.

Uma aparelhagem de som capenga ficava de um lado, onde um emaranhado de fios que ligavam a mesa de som aos microfones espalhados pelo altar estavam parcialmente escondidos sob uma espécie de forração azul-marinho não muito agradável de se ver à luz do dia.

Em quatro dias consegui concluir minha tarefa. As paredes internas foram pintadas de branco, as externas de um azul sem graça, as molduras das janelas e todas as portas foram lixadas e envernizadas com materiais de terceira.

Então ele apareceu no último dia, para conferir o resultado da minha arte e apanhar as chaves do templo, que estavam em meu poder. Trajando uma camisa social de mangas curtas, em um tom amarelo que salientava os contornos do seu peito farto de pêlos prateados, e uma calça jeans que mais uma vez me fez quase perder os

sentidos ao me deparar com aquelas coxas imponentes, o pastor me recebeu com um abraço forte, onde pude sentir a essência e a força de um corpo bem cuidado.

Ganhei elogios pelo meu esforço, através de um único sorriso capaz de iluminar o meu caminho para sempre. Ele realmente sabia como cativar as pessoas. Fui convidado para tomar uma coca-cola gelada na minúscula cozinha improvisada que ficava aos fundos do galpão. Enquanto nos refrescávamos naquela tarde calorosa, meu bom pastor iria aproveitar para fazer o pagamento justo pelos meus serviços. Mas eu não esperava receber mais do que eu julgava merecer.

Dois copos vazios jaziam sobre a mesa de plástico. A garrafa de refrigerante estava pela metade, quente, sem gás, abandonada sobre a pia de inox. O pastor dava as costas para Deus e de olhos bem fechados engolia meu sexo em movimentos lentos, para frente e para trás, lambendo-o com volúpia. Meu corpo fora prensado na parede recém pintada. Minhas mãos suadas estavam presas ao lado de minhas coxas finas, seguras pelas mãos fortes do homem divino, que continuava a sugar com veemência a minha alma para dentro de si.

Vire-se, ele ordenou subitamente. Agora minhas nádegas eram apalpadadas com voracidade. E uma língua quente fazia voltas e mais voltas por entre o vão de minhas pernas. Entrei em transe.

Ele me agarrou, jogando meu corpo leve sobre uma espécie de colchonete pré-histórico que estava escondido num canto qualquer. O cheiro de mofo envolvia minhas narinas. Virei-me para fugir do odor desagradável.

A visão daquele homem se despidendo bem à minha frente transformava-se em algo inacreditável do que eu havia presenciado a minutos atrás. O sorriso havia sumido por completo. O seu rosto ganhava formas animais. Transpirando em bicas, um monstro se atirou sobre mim, tentando se apossar daquilo que ele julgava ter completo domínio.

Segurando com força a raiz dos meus cabelos, fui obrigado a sentir o gosto de algo desconhecido. Vamos, rapaz, ponha todo o meu Colossus nessa tua boca miúda. Quero ver sangue sair da sua boca. Quero ver o sangue do cordeiro sair desse seu rabo branco, ele gritava, com o mesmo ardor que eu tinha presenciado nas orações feitas na casa de minha mãe, dias atrás.

Engoli com dificuldade o “colossus”. Enquanto isso, dois dedos encharcados de saliva quente abriam espaço em minha intimidade. Senti dor. Uma dor estranha misturada com um prazer enigmático.

Preparado para servir ao meu pastor, fui posto deitado metade sobre o colchonete, metade sobre o chão frio de cimento. Minhas pernas, esticadas para cima, foram abertas e num movimento brusco, o servo de Deus penetrou-me sem complacência. O suor ácido daquele homem caía sobre meu corpo seco e frio. Minha camiseta levou poucos segundos para ficar ensopada. O homem não diminuía os movimentos de maneira alguma. E seu “colossus” abria definitivamente as fronteiras do meu paraíso perdido.

Não trocamos de posição. Permanecemos minutos eternos naquele vai-e-vem desvairado. Eu já não sentia mais nada. Tudo estava embotado. Os nossos anjos de guarda ainda jogavam pôquer na sala ao lado.

“O Senhor é meu Pastor e nada me faltará”, clamava o velho homem. “Graças, Senhor, pelo alimento que renova minha alma”, ele gritava, antes de terminar o serviço em mim. “Putá que o pariu, meu Senhor, que rabo divino, oh Pai... que rabo maravilhoso... eu vou gozar, eu vou goz...”, o grito foi sufocado com um beijo profundo, onde saliva, suor e lágrimas se misturavam em iguais proporções no meio dos corpos de dois homens que acabavam de se consumir no prazer. Meu bom pastor repousou seu corpo pesado sobre o meu.

Vamos, garoto, levante-se, o pastor disse suavemente, enquanto terminava de apurar-se para o mundo exterior. Tome. Aqui está o seu dinheiro, ele disse, apontando para algumas notas dobradas com cuidado, colocadas dentro de um exemplar minúsculo do Novo Testamento, que repousava sobre a mesa.

O pastor aguardou pacientemente eu me arrumar, além de esperar que eu deixasse a cozinha sem vestígios das nossas sacanagens. Antes de sair do templo, o meu homem agarrou-me próximo à grande porta de entrada. Senti um beijo doce em meu pescoço, seguido de um beijo intenso em meus lábios, onde nossas espadas se gladiavam, disputando espaço dentro de bocas insaciáveis.

Colossus voltara à vida. Pude sentir seu poder pulsando em minha mão esquerda. Ajoelhado atrás da porta, o cheiro do verniz recém passado a ludibriar meus sentidos, minha boca abriu caminho no meio das pernas do enviado do Senhor. O membro rígido encontrou fácil o caminho do prazer. Eu chupava meu pastor. Ele lia a bíblia de capa vermelha. E entre uma leitura, um gemido e um sussurro, nossa pantomima continuava perante uma cruz estilizada que pairava acima do batente da enorme porta. Meu pastor certamente imaginava que Deus estaria, junto com nossos anjos, apreciando sua performance de macho dominante, seduzindo uma ovelha desgarrada que agora faria parte do seu rebanho.

Segurando firmemente a bíblia, olhando para cima, em evidente contemplação, o velho homem gritava como se estivesse no auge do seu sermão dominical: “O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará. Não para, garoto, não para!”, e eu, imbuído pelas graças do Espírito Santo, enquanto numa ginga medonha minha cabeça era sacudida entre as pernas do homem que eu julgava divino, fui invadido pela essência daquele homem, que escorria solta para dentro de mim. E o batismo fora consolidado na presença da cruz, sob o olhar encabulado do nosso senhor Jesus Cristo.

Eu hoje faço parte do templo. Sou um irmão respeitado, mantenedor da Casa de Deus, e braço direito do nosso bom Pastor. Estamos juntos há três anos. Haverá comemoração neste domingo, após realizarmos o nosso culto de louvor em nome do Pai Celeste. Mais tarde, quando todos os irmãos se recolherem aos seus lares humildes, eu estarei brincando com Colossus, escondendo-o em minha boca, enquanto meu bom pastor contará pela enésima vez o valor dos dízimos depositados em nossa confiança. Uma pequena parte vai para as obras do templo. A parte maior, claro, será utilizada para o término da reforma do nosso apartamento. Um pequeno lugar que compramos recentemente e onde passamos algumas horas agradáveis durante a semana, cultivando o prazer dos nossos corpos entrelaçados.

Lá ficamos devidamente escondidos da esposa sem graça do velho homem, da minha santa mãe viúva, dos irmãos de fé, do mundo exterior. Você sabe como tudo funciona. Afinal, nós cansamos de fazer sacanagens dentro do templo. Isso é pecado, disse meu bom pastor.

Agora, com a ajuda dos irmãos, conquistamos nosso próprio espaço privado para o nosso amor. Mas sempre acompanhados pelos nossos anjos de guarda, que, nessas horas, ficam na cozinha jogando pôquer, como sempre.

Moa Sipriano – www.moasterio.com